



O LAMPIÃO DA ESQUINA E O JORNAL DO NUANCES: APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS

Amanda Campo¹

Resumo

Este trabalho observou características de *O Lampião da Esquina*, periódico carioca lançado nos anos 1970 e tido como o primeiro jornal gay de cunho político-ideológico no Brasil; e do *Jornal do nuances*, porto-alegrense que teve sua primeira edição em 1998. Ambos de circulação nacional e em média dez mil exemplares de tiragem, tinham como público alvo a comunidade LGBT. O legado do jornal carioca encontrado no periódico gaúcho ultrapassou a definição de um público alvo em comum, revelando semelhanças ideológicas: a ausência de pseudônimos; uma linguagem subversiva e transgressora; a máxima de ver a comunicação como ferramenta e voz da comunidade; o propósito de retirar da margem, ou do gueto, a comunidade LGBT; e a apropriação de discursos para a desconstrução de memórias discursivas preconceituosas.

Palavras-chave: Comunicação; Subjetividade; Imprensa Gay.


Introdução

Este trabalho é fruto de uma dissertação, ainda em fase de escrita, que busca responder ao problema de pesquisa: como se deu o processo de significação das homossexualidades nos discursos sobre Aids no *Jornal do nuances*? Neste resumo, pretendo observar algumas características tanto do jornal porto-alegrense, quanto d'*O Lampião da Esquina*, surgido em 1978 (MACRAE, 1990). Essa aproximação entre os dois periódicos de aragência nacional é resultado da observação do objeto empírico. Em todas as 46 edições com periodicidade irregular do *Jornal do Nuances*, que esteve em circulação entre 1998 e 2016 fruto de financiamento público², a quinta página fora reservada a reproduções de matérias na íntegra que circularam no jornal quarentenário.

¹ Mestranda em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Bolsista CAPES. E-mail: amanda.andradecampo@gmail.com.

² A despeito de ter surgido por aporte do Estado, mais especificamente do Ministério da Saúde, notamos que a edição número sete apresenta apenas oito páginas, novamente com impressão em preto e branco, e seu editorial expõe ao leitor a péssima situação em que se encontra tanto a ONG, quanto o periódico. Ainda, notamos que esta edição não nos apresenta, como nas outras, o selo que assinala *material financiado pela PN DST/AIDS do Ministério da Saúde e Unesco*.





O surgimento d’*O Lampião da Esquina* foi, por muitos motivos, político. Primeiro por questões internas, como bem lembra Edward MacRae (1990) e James Green (2000), e segundo por questões externas, uma vez que se propunha a apresentar alternativas a um regime de censura como um ato de subversão. Uma primeira qualidade do periódico diz respeito às autorias dos textos: suas publicações não eram assinadas por pseudônimos femininos, como foi de costume dos jornais anteriores a eles. MacRae (1990) associa esses pseudônimos à manutenção das hierarquias de papéis de gênero assumidos pelas classificadas “bichas”. Eis aqui uma primeira inspiração do *Jornal do nuances*: assim como *O Lampião*, o jornal também não se valia de pseudônimos em suas matérias.

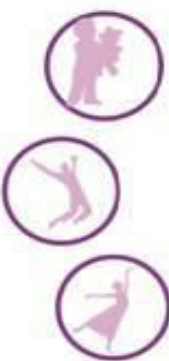
Aproximações e distanciamentos

Ainda sobre o contexto político de surgimento de *O Lampião*, é importante assinalar que não foi único em meio às publicações contornadas de censura. Como recupera MacRae, o lançamento de jornais com periodicidade irregular era uma forma de jornalistas que trabalhavam na grande imprensa e sofriam censura pelo severo controle ditatorial, produzirem produtos com viés político contestador, uma vez que suas liberdades eram estrangidas nas redações. Desta forma, “nascia assim a imprensa alternativa ou a imprensa nanica” (MACRAE, 1990, p. 69). Reverenciamos aqui o pioneiro *O Pasquim* (de 1969) que, dentre todas as condutas transgressoras, teve Leila Diniz como musa, a atriz referência de defesa dos direitos e liberdades sexuais das mulheres.

Se *O Pasquim* possibilitou debates subversivos à época, mas ainda com posicionamentos machistas e sexistas como assinala MacRae (1990), *O Lampião* surgia também como um “questionador da moral vigente, voltando-se para o público homossexual, considerado até então frívolo, apolítico, quando não doente e decadente” (MACRAE, 1990, p. 71). Sobre a história do jornal e sua origem, contadas de uma forma breve, podemos dizer que *O Lampião da Esquina*³ foi fruto de uma visita de Winston Leyland, um norte-americano que já era editor de publicações segmentadas homossexuais no país de origem. Em abril de 1978, depois de uma aproximação e incontáveis reuniões com João Antonio Mascarenhas (de *O Pasquim*), nascia o número zero d’*O Lampião*. Indiscutivelmente, as condições financeiras da realização de um projeto que se propõe tão transgressor quanto profissional, viabilizaram o que veremos nas próximas linhas: um posicionamento muito bem delimitado, com o “gueto” desde suas raízes até seu principal alcance.

³ No mesmo período, operava uma editora com o nome de *O Lampião*, e é por isso que o nome do periódico foi estendido para *O Lampião da Esquina*.





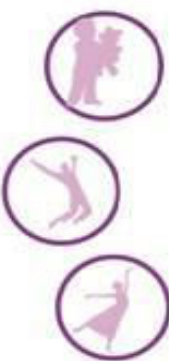
O primeiro editorial de *O Lampião* foi intitulado “Saindo do gueto”. Observaremos e trataremos para a superfície do texto memórias discursivas (ORLANDI, 2012) enquanto estigmas e estereótipos; a comunicação como uma possibilidade de destituição, ou melhor, de atualização de memórias discursivas. O editorial nos mostra o propósito de destituir a “imagem-padrão”, qual seja, o “estigma da não-reprodutividade”, segundo o texto, conferido à homossexualidade por meio de uma petrificação da “mitologia hebraico-cristã”, ou aproximando de nosso estudo, pela fé católica e moral. O que nos chama a atenção, além da recorrente ideia da veiculação de discursos contra-hegemônicos, é a configuração de um contexto social em que existe sempre um “nós” e um “eles”, talvez pela conformidade do gueto pela posição do oprimido, mas principalmente pela existência de um grupo “bobo da corte” que, embora viva na ilusão de “acesso a amplas oportunidades”⁴, ainda não lhe é negado o direito à voz.

Essa existência de dois grupos ao mesmo tempo que dependentes, opostos, nos remete à reflexão que Jeffrey Weeks (2001) nos apresentou ao comentar o surgimento, ou melhor, a *invenção* dos termos “homossexualidade” e “heterossexualidade”. Ao observarmos também o editorial da primeira edição do *Jornal do nuances*, assinalamos um enunciado emblemático para este momento: “Ousamos prescrever uma dieta de prazeres”. É emblemático por três motivos: pela apropriação de palavras que têm efeitos de sentidos que nos acionam os discursos da medicina (prescrever); pela subversão da ideia de promiscuidade (dieta de prazeres) e, por fim, pela demarcação de um “nós” e um “eles”. Quem somos nós e para quem prescrevemos uma dieta de prazeres? “Nosso senso comum toma como dado que esses termos demarcam uma divisão real entre as pessoas: há heterossexuais e há homossexuais” (WEEKS, 2001). A mesma demarcação encontramos em *O Lampião* e, mais do que uma categorização, o jornal demarca quase fisicamente essa divisão, separação: o gueto ocupado por um “nós”. Uma marginalidade.

Na primeira edição do *Jornal do nuances*, encontramos textos que nos despertaram estranhamento: no editorial, um enunciado apresenta o jornal enquanto ferramenta de luta social. Ainda, como ferramenta de batalha para tirar a comunidade de sua marginalidade, o jornal traz o “berro” ou, traduzindo para nossa análise, a linguagem e a comunicação. Se observarmos mais atentamente, Michel Pêcheux (1990) nos assinala que o discurso “marca a possibilidade de uma desestruturação-reestruturação de redes e trajetos” (p.57). Ou seja: há uma memória discursiva sobre homossexualidade que, como hipótese deste trabalho, o *Jornal*

⁴ Os trechos assinalados por aspas fazem parte do texto estudado.





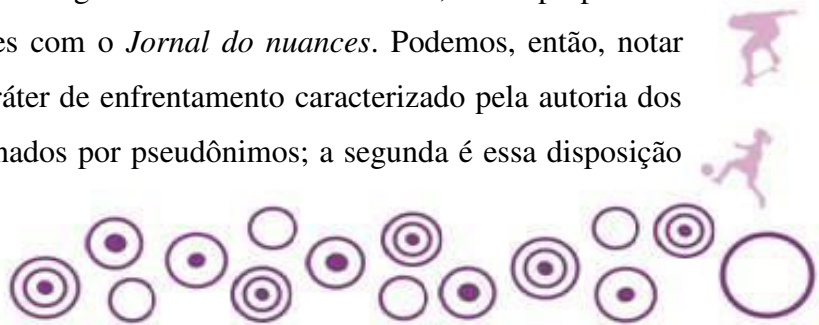
do nuances está predisposto a trabalhar, a destituir, a atualizar. O ponto de encontro dessa memória com a atualidade, com aquilo que o periódico nos apresenta como uma nova interpretação, um outro efeito de sentido da homossexualidade, este ponto de contato chamaremos de *acontecimento discursivo*. Baseamos a compreensão de acontecimento discursivo segundo Eni Orlandi (1996) “ele intervém no real do sentido: é um gesto de interpretação” (p.18).


Também aproximando do que comentamos sobre o *Jornal do nuances*, que oferece à comunidade “o berro”, n’*O Lampião* encontramos a necessidade mais urgente da minoria, como literalmente coloca: ter a, ou uma, voz. O *berro* do *Jornal do nuances* e o *dar voz* de *O Lampião de Esquina* são, indiscutivelmente, o meio de acesso ao objetivo da comunidade e do gueto: a destituição de uma memória agressiva, preconceituosa e marginalizadora. A despeito de todas as similaridades, é inegável que, por estarem em contextos diferentes, não podemos replicar questões que faríamos aos enunciados de *O Lampião* para o jornal em análise tanto na dissertação, quanto neste resumo expandido.

Considerações

Como foi lembrado por Fernando Seffner (2007) e Regina Facchini (2003), a Aids se configurou como um elemento componente da memória discursiva sobre homossexualidade, um estigma para a comunidade LGBT. Se *O Lampião* associa esses estigmas à moral e à fé, a que atribuiria o *Jornal do nuances*, em um contexto em que a síndrome seria caracterizada, categorizada pelos discursos dos meios de comunicação de massa como “peste gay”? Em três anos de existência, *O Lampião* publicou diversos textos que hoje conformariam o jornal como uma publicação interseccional: feminismo, temáticas raciais, lesbianidades, políticas de classes dentre outros temas que também caracterizam outras comunidades marginalizadas. MacRae (1990) relembra que o jornal também abordara as violências policiais e a prostituição como “forma de atacar o moralismo da esquerda bem pensante” (p. 76). De fato, o periódico não teve sucesso em um dos seus propósitos, a saber, sair do gueto, mas deixou um legado de ideias e de propósitos que são o sinal mais claro de um projeto sobretudo político que triunfou mesmo com todas as adversidades de seu contexto.

Embora o editorial da primeira edição de *O Lampião* nos revele muitas coisas e nos possibilita pensar um pouco mais sobre os estigmas da comunidade LGBT, nosso propósito é pensar seu histórico e suas aproximações com o *Jornal do nuances*. Podemos, então, notar algumas semelhanças: a primeira é o caráter de enfrentamento caracterizado pela autoria dos textos publicados que não mais são assinados por pseudônimos; a segunda é essa disposição





de se tornarem a voz, o berro da comunidade marginalizada; a terceira é o propósito de, em alguma medida, possibilitar o deslocamento da comunidade da margem social; a quarta é a linguagem coloquial sendo apropriada, ou seja, os jornais se valem do vocabulário da comunidade LGBT como um ato de subversão; e a quinta (aquilo que mais nos interessa) é a constituição de discursos que podem atualizar a memória discursiva sobre a homossexualidade, de acordo com suas realidades e fatores que a estigmatizaram.

Referências

BARROSO, Fernando. **Jornal do nuances: prática midiática de uma ONG de Porto Alegre – RS para o confronto político entre o “gay classe média” e a “bicha bafona”**. 2007. 310 f. Tese (doutorado em Ciências da Comunicação) – Centro de Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio Sinos (UNISINOS), São Leopoldo.

FACCHINI, Regina. **Movimento homossexual no Brasil: recompondo um histórico**. Campinas, v.10, n.18/19, 2003. Disponível em: <<https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/ael/article/viewFile/2510/1920>>. Acessado em: 08 mai. 2018.

GOLIN, Célio. **Nuances 25 anos: uma trajetória inconformada com a norma**. Porto Alegre: Nuances; grupo pela livre expressão sexual, 2017.

GREEN, James. **Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX**. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

MACRAE, Edward. **A construção da igualdade: identidade sexual e política no Brasil de “abertura”**. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso – princípios e procedimentos**. 8. ed. Campinas: Pontes, 2012.

_____. **Interpretação: Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Petrópolis: Vozes, 1996.

SEFFNER, Fernando. Com vírus, sem vírus: Afeto, Amor, Amizade, Vida Sexual e Aids. In: PAULA, Cristiane; PADOIN, Stela; SCHAURICH, Diego (Org.). **Aids: o que ainda há para ser dito?** Santa Maria: Editora UFSM, 2007, cap. 1.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

Catálogo na Publicação:

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

